

“FIQUEI NO CÉU DURANTE A DITADURA”

Os alunos do primeiro ano de jornalismo da PUC-SP, orientados pelo professor Sérgio Pinto de Almeida, criaram no dia 3 de outubro um jornal amador, com o objetivo de cobrir o distrito de Socorro no dia das eleições. Em um espaço com vários computadores cedido pela Igreja Apostólica Novidade de Vida, os estudantes montaram uma redação. Enquanto alguns escreviam, outros iam para as ruas, munidos de câmeras, cassetes e blocos de papel para entrevistar pessoas e coletar informações. O trabalho resultou em uma compilação de reportagens que abrangiam as áreas de política, transportes, saúde, educação e muitas outras. Abaixo, duas das matérias: um depoimento de um ex-colega de trabalho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e uma reportagem sobre a situação do transporte no distrito.

Por Guilherme Gomes

“Eu tava lá. O Lula também. Ela veio, mordeu e arrancou os meus dedos. Os do Lula também. Trabalhava na metalúrgica junto com ele. Não foi no mesmo dia, mas vi tudo isso.

Me chamo Eugênio Ferraz e sou lá de Pernambuco, da cidade de Garanhuns. Trabalhava na roça todo dia. Dali, tirava o que era necessário para sobreviver. De resto, vendia arroz e verduras. Quando a chuva não vinha mais, tinha a seca. E com a seca, todo mundo morria de fome.

Procurando sair dessa vida, para melhorar vim para São Paulo. Cheguei aqui no dia 15 de maio de 1959. Não tinha no que trabalhar, só arranjei trabalho na fazenda. Só que desta vez ninguém me pagava. Eu não recebia dinheiro, só comida. Era arroz, fubá de milho, feijão preto e carne seca em uma fazenda lá para Capivari. Foi a desgraça da minha vida! Se eu não me engano, Ademar de Barros era o governador. Depois de trabalhar lá, entrei na empresa metalúrgica.

Quando entrou o Castello Branco, ah, foi muito bom! Fiquei no céu durante a ditadura! Eu me dei muito bem. Ganhei muito dinheiro. Consegui muitas coisas boas. E eu sempre me dei bem com esse tipo de gente. Ia almoçar com delegado daqui, outro delegado ali. E quem não gostava da ditadura era porque tinha perdido dinheiro, certo? Foi uma época muito boa!

Mais ou menos nessa época, eu acho, arranjei um emprego como guarda. Andava armado, para lá e para cá. E não tinha problema nenhum! Fiz curso de “tiro” lá em Dom Pedro.

Fiquei trabalhando como guarda e vi que o Lula tinha sido preso. Não sei por que, o “maluco” não fez nada! Ovi dizer que a mãe dele perguntava por ele e os filhos respondiam ‘o Lula tá viajando’. Que nada! Tava lá, algemado, sendo levado pela delegacia. O Tuma levou ele, era delegado...

Tive uma filha. Uma filha só. E não quero mais saber dela. Quero que ela vá para o inferno!

Minha filha era uma ladra. É uma ladra. Eu tava “adoentado” e ela aproveitou para me roubar. Pegou todo meu dinheiro e foi embora. Sei onde ela está, mas não quero saber dela.

Tenho 82 anos e nunca roubei nada. Não sou ladrão e nem sem-vergonha também. Perdi minha casa por causa do aeroporto, mas não tenho do que reclamar, não tenho mesmo.”

Aposentado que trabalhou com o Lula “metalúrgico” diz que teve no regime militar a melhor época de sua vida



Vista aérea da Capela do Socorro, bairro da zona sul de São Paulo

SOCORRO NÃO ACREDITA EM PROMESSA DE CAMPANHA

Moradores acham “difícil” que políticos consigam resolver o caos que impera no sistema rodoviário urbano

Por Victor de Andrade Lopes

No Socorro, o transporte é uma faca de dois gumes. Se, por um lado, a estação local de trem registra um movimento relativamente tranquilo, a mesma sorte não existe para os usuários de ônibus, que encaram este meio de transporte com frequente lotação. Os motoristas também precisam de paciência para transitar pelo bairro em horários e pico.

A despeito do movimento registrado diariamente nas principais estações de trens de São Paulo, a estação Socorro da CPTM, parte da Linha Esmeralda, registra normalmente movimento tranquilo, segundo usuários. O técnico de campo Edinaldo Abílio diz que as estações mais próximas do centro, como a Santo Amaro e a Berrini, costumam estar mais cheias, e ele deposita no presidente e nos deputados a esperança de ver a situação melhorar. “Eu acho que a/o presidente e os deputados podem fazer algo para mudar a situação, mas os senadores... sei não”, diz ele. Outro usuário afirmou que nos horários de pico o movimento é maior, mas tem melhorado ultimamente.

A estação, de fato, apresentava pouco movimento. A bilheteria quase não chegou a formar fila. O ambiente aparentava higiene e pouquíssima degradação, mas a reportagem observou pessoas com dificuldades para utilizar os telefones públicos presentes na estação.

Quando o assunto é ônibus, o quadro é bem diferente. Na parada do Largo do Socorro, na Avenida Robert Kennedy, usuários encontram dificuldades para utilizar os veículos. Alguns não conseguem sequer parar um deles. “Ta escrito aqui que o ônibus para aqui, mas ele não para!”, pro-



testa a dona de casa Maria Lígia, enquanto lê o painel informativo sobre o itinerário. Seu marido, o assistente técnico João Batista Santos, também reclama. “No resto da cidade não é assim, isso é um problema daqui.”

Nem todos acham que os candidatos escolhidos farão algo para mudar a situação da região. A engenheira ambiental Vera Valdevite acredita que os políticos podem ou não fazer algo para resolver o problema. O pedreiro Vicente Mendes do Santos, por sua vez, não espera melhorias, apesar de estar confiante de que sua candidata a presidente, Dilma Rousseff, continuará o trabalho do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Vicente, que mora na Baixada Santista, mas vota em São Paulo, demonstra alegria e simpatia apesar de ter feito sinal para os ônibus por quatro vezes, sem sucesso.

Mesmo os carros enfrentam problemas com o trânsito local. Segundo o físico Luís, a Avenida Robert Kennedy é muito estreita e está sempre congestionada. Ele também não põe fé nos candidatos com relação ao futuro do transporte de Socorro, mas reconhece que os deputados estaduais podem fazer algo para mudar a situação. Enquanto isso, Vicente, João Batista e Maria Lígia continuarão lutando para conseguir que o veículo pelo qual pagam parem quando requisitados para tanto.